

AS FACES DE NOSSA SENHORA NO IMAGINÁRIO DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA

THE FACES OF OUR LADY IN THE IMAGINARY OF THE BRAZILIAN APOSTOLIC
CATHOLIC CHURCH

Ana Maria de Sousa¹

Resumo

Partindo do pressuposto que os aspectos devocionais mariológicos estão bem fundamentados na Igreja Católica Apostólica Brasileira e que a Nossa Senhora Menina, conhecida também como Nossa Senhora do Bercinho, foi escolhida como padroeira, tentaremos identificar a razão de Nossa Senhora Aparecida (mito apostólico romano) ter a maior prática devocional na ICAB. Assim, propomos desvendar as origens da criação da tradição de Nossa Senhora Menina, inclusive em relação ao processo de apropriação da iconografia italiana. Nesse viés teremos subsídios para compreender melhor a fundação dessa Igreja no Brasil e as estratégias que a levaram a se firmar como alternativa ao catolicismo romano.

Palavras-chave: ICAB; catolicismo; Nossa Senhora Menina (Nossa Senhora do Bercinho), Aparecida; imaginário popular; mito.

Abstract

Assuming that the devotional aspects of mariology are well founded in the Brazilian Catholic Apostolic Church and that Our Lady Girl, also known as Our Lady of Little Crib, was chosen as the patron saint, we will try to identify the reason for Our Lady Aparecida (Roman Apostolic myth) to have the greatest devotional practice at ICAB. Thus, we propose to unveil the origins of the creation of the tradition of Our Lady Girl, including in relation to the process of appropriation of Italian iconography. In this bias we will have subsidies to better understand the founding of this Church in Brazil and the strategies that have led it to establish itself as an alternative to Roman Catholicism.

Keywords: Catholicism; Our Lady Girl (Our Lady of Little Crib), Aparecida; popular imaginary; myth.

A questão mariológica na Igreja Católica Apostólica Brasileira (conhecida também pela abreviação ICAB), desde a sua fundação, em 1945, por Dom Carlos Duarte Costa², manteve a tradição da Nossa Senhora, como símbolo arrebatador de fé, tanto para os fiéis como em relação ao clero. Acreditamos que esta instituição religiosa, inicialmente tentou seguir o seu próprio parâmetro devocional, por isso propomos a analisar como se deu a

¹ Ana Maria de Sousa é jornalista, fez mestrado na FFLCH, na Universidade de São Paulo. Atualmente é doutoranda em Ciência da Religião, na PUC São Paulo. E-mail: anamariadesousa27@yahoo.com.br.

² Dom Carlos Duarte Costa era bispo romano de Botucatu e depois ficou conhecido como bispo da cidade de Maura. Ele criou uma igreja mais liberal, desvinculada às normas da Igreja Católica Apostólica Romana.

criação da mitologia mariana e os atores que contribuíram para fomentar os elementos culturais, políticos e religiosos, em nosso país.

A história da devoção mariana na ICAB coincide com a repercussão de uma iconografia da Itália, na década de 40, que, de certa forma, vinha ao encontro à intenção da Igreja Brasileira de difundir uma mitologia própria e ainda inédita para os brasileiros e com isso fundamentar os seus preceitos. Apesar da iniciativa inovadora, de aglutinar uma mitologia desconhecida como sua patrona, a igreja brasileira se sustentou mesmo ao dar vazão à veneração de uma iconografia já conhecida naquela época.

A trajetória dessa investigação será mapear alguns desdobramentos da iconografia de Nossa Senhora relacionados ao imaginário de sua infância, paralela à imagem da santa negra, emergida das águas do rio Paraíba, cultuada na memória nacional pela Igreja Católica Apostólica Romana³ e com o passar do tempo se estabeleceu como ideário na ICAB.

Este estudo propõe investigar a vertente mariológica na Igreja Católica Apostólica Brasileira, sob a perspectiva histórica e devocional religiosa, levando-se em consideração que para a existência da ICAB foi necessária uma cisão com a Igreja Católica Apostólica Romana. Além disso, a tentativa é compreender como se estabeleceu a tradição mariana, os desdobramentos e qual ícone é o mais fortalecido nessa instituição religiosa. Assim, tentaremos estabelecer as convergências na forma do culto à figura de Maria.

Por não existir um trabalho específico sobre os aspectos devocionais mariológicos na ICAB, tendo como mote o imaginário popular, esta investigação se faz importante porque propõe analisar o engendramento de duas religiões dissidentes através do culto a Nossa Senhora.

Maria, uma adolescente judia, a serviço de Deus

Levando-se em consideração que os aspectos fervorosos marianos estão ligados ao princípio da raiz bíblica de que Maria foi a escolhida de Deus, para ser a mãe de Jesus Cristo, nos deparamos com uma questão abrangente sobre quem é essa mulher. Maria é o ícone de devoção do catolicismo e sabemos o quanto é difícil travar um diálogo com essa figura emblemática, pois ela é capaz de aglutinar até o pluralismo religioso em torno de si. O

³ A denominação Igreja Católica foi usada primeiramente para se referir a Apostólica Romana, entretanto nos esbarramos em relação à dificuldade da conceitualização histórica e teológica dessa igreja. Por ela não ser o nosso objeto de estudo, não entraremos no mérito, apenas ressaltamos que a Romana é a precursora do mito mariano.

primeiro enigma de sua amplitude baseia-se no fato de que mesmo depois de séculos existem poucos estudos sobre ela, enquanto filha, esposa de José e mãe de Jesus. Quem é Maria?

Qual a razão dessa carismática mulher ser capaz de arregimentar tantos devotos e aguçar o imaginário popular? Sabe-se quase nada sobre sua aparência, infância e adolescência, mas a ideia ficcional do seu significado para a humanidade foi capaz de aglutinar em iconografias traços perfeitos do que teria sido a sua face, seus trajes etc., daí passaram a cultuar as imagens como se fosse a verdadeira santa. Aleixo Maria Autran nos identifica essa mulher.

Era uma virgem chamada Maria. Muito simples. Era a própria simplicidade! Muito humilde. E como Deus resiste aos soberbos e dá graça aos humildes, ela era cheia de graça...muito culta. Ninguém a conhecia. Nada de extraordinário em sua vida de Simples aldeã de Nazaré, esposa de um modesto carpinteiro (AUTRAN, 1982, p. 9)

Maria se tornou uma espécie de escada devocional entre a terra e o céu. A Bíblia afirma que, dentre as suas inúmeras preocupações e infortúnios, ela não conseguiu localizar seu filho por três dias (ele se encontrava no templo pregando entre os doutores da lei); foi testemunha da crucificação e morte de Jesus, todavia, através dos séculos arregimenta um verdadeiro reduto de admiradores, que se aglomeram sob o seu manto sagrado em busca de refúgio e proteção. A dimensão mariana no imaginário popular é infinita e não importa a denominação e quais os adjetivos que essa Senhora, Mãe de Jesus, possa ter ou merecer. Em “Maria na Bíblia”, Autran, após analisar os testemunhos de Marcos, Mateus, Lucas e João estabelece o ponto comum entre eles.

[...] a liturgia e a iconografia têm perfeitamente razão de aplicar a Maria muitos traços da descrição, porque entre a Maria e a comunidade de fé existe...uma analogia profunda: como o antigo Israel, Maria deu à luz ao Messias e como a Igreja, também é a Mãe de todo discípulo de Jesus. (AUTRAN, 1996, p. 307).

No imaginário popular, Maria foi a escolhida por Deus para ser a mãe de Jesus. E dessa Maria emana um poder, um ímã, capaz de mobilizar multidões.

Nessa investigação, a nossa intenção será aproximar da dimensão mais tangível do imaginário popular: a de santa, cujo o poder contemplativo religioso, se edifica sob os seus devotos, sob a forma de proteção, acolhimento e amparo e também seguir na trajetividade das mudanças historiográficas que coincidem com o alastramento das instituições religiosas. Em nenhum dos relatos oficiais da ICAB alude-se à conduta do fervor mariológico ou de outros santos. Assim indagamos: como se formou a devoção na ICAB, em relação à criação do mito mariano? Qual iconografia de Nossa Senhora atrai mais devotos?

Enfrentamos dificuldades de encontrar fontes sobre a ICAB, como dissertações de mestrado ou teses de doutorado, que comprovem cientificamente a historiografia dessa instituição religiosa. Há pouquíssimos documentos: um site, na rede mundial de computadores; um livro publicado por um bispo, alguns textos não datados e datilografados que fazem um resumo da história da entidade coletados na Diocese de São Paulo, onde encontramos uma pequena retrospectiva da cisão protestante, que atesta de onde veio a sua condição independente.

Assim, içamos a hipótese de que o poder dessa personagem feminina no teor católico se estabelece como demanda popular e vamos abordar o viés fenomenológico, com uma investigação específica em duas vertentes: de um lado, a santa padroeira, com influência das raízes italianas e de outro a representante mor do panteão Sudeste.

Cânone da ICAB

Apesar de a ICAB ter uma santa padroeira, há uma forte predominância na devoção em Aparecida e por isso a roupagem mariológica segue o modelo idêntico da Católica Apostólica Romana, com os mesmos elementos religiosos, culturais. Nesse caminho, traçaremos um rápido embate entre ambas as instituições religiosas em relação à figura de Maria. Para facilitar a compreensão destacamos quatro momentos principais, que serão apresentados como itens e subitens.

No item I vamos voltar o olhar sobre a historicidade da ICAB, desde as suas origens, em relação à devoção mariana, que se emanou pelo viés da influência italiana. O espaço geográfico de algumas igrejas, bem como os dados numéricos (reais ou ilusórios, a fim de elevar majoritariamente essa instituição religiosa); a razão da predominância de Aparecida e da denominação de outros santos, que dão nome a algumas igrejas. Nas considerações finais desse capítulo levantaremos as convergências entre a Igreja Católica Apostólica e Romana.

No item 2 enfocaremos como se estabelece o fervor a Maria, a historiografia de Nossa Senhora Menina e Aparecida.

No item 3 relacionaremos Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil, como ícone de adoração na ICAB para então desemborcamos no último item.

No item 4 abordaremos a construção de duas situações mitológicas, relacionadas a Nossa Senhora pela igreja brasileira, no Estado de São Paulo, como ferramentas para alavancar novos devotos. E finalmente nas Considerações Finais destacaremos como se encontra a questão mariológica na ICAB.

Fundamentamos esse estudo nas poucas referências sobre a ICAB, cujo livro oficial⁴ será citado ao final deste artigo e do material exclusivo da ICAB, consultamos os poucos blogs na internet, que se referem a ICAB. Em relação aos dados empíricos, nos basearemos em dois depoimentos, que foram fundamentais para entendermos melhor a questão mariológica. Um deles, a entrevista por telefone com o bispo da diocese de São Paulo, dom Wagner Peres Rodrigues⁵, que nos passou diversas informações sobre a entidade. No outro pilar, a conversa informal, coletada aleatoriamente, com Joana Vaz, uma devota da ICAB, da qual conseguimos um testemunho, que nos serviu de base para entendermos a ótica de Maria, na ICAB. Também nos dirigimos a uma igreja brasileira, onde pudemos constatar a semelhança do culto (apenas algumas frases de orações tradicionais, como o do Pai-Nosso, estão alteradas), entre a Romana e a Brasileira, além da exposição das iconografias de santos.

1 A Igreja Católica Apostólica Brasileira

Conforme dissemos anteriormente, a ICAB nasceu em 1945, em meio à ferveção política, que exaltava os ânimos da população brasileira. De um lado a “inquietação social” dos comunistas, que elegeram Luís Carlos Prestes ao Senado Federal. De outro, “...Getúlio procurava se equilibrar no comando do Estado tentando uma política populista” (FAUSTO, 2006, p. 388).

O jornal “Nosso TEMPO”⁶, de Foz do Iguaçu, fez uma retrospectiva do clima em que se decidiu pela fundação da ICAB e afirma que Dom Carlos Duarte Costa era ferrenho opositor de Getúlio Vargas. E esse mesmo artigo garante que ele foi detido pela ditadura militar, em 1944, por suas ideias liberais e posteriormente libertado. Alguns meses depois, dom Duarte Costa inaugurou a Igreja Católica Apostólica Brasileira e continuou a ser perseguido pelos opositores, chegando até a receber ações judiciais, que o proibiam de celebrar missa em sua igreja.

1.1 Origem Histórica

⁴ O livro de Dom Mendes e os artigos foram nos emprestados gentilmente pelo professor da PUC, Wagner Sanches Lopes.

⁵ Entrevista feita por telefone com o bispo diocesano Dom Wagner Peres Rodrigues, no dia 10.09.2017, às 20h30, em São Paulo. Além de coordenar a região de São Paulo, ele celebra missas em sua Igreja de Santo Antônio de Catageró e São Benedito, na Vila Formosa – SP.

⁶ Jornal Nosso Tempo. A trajetória de um Bispo que desafiou o Vaticano. Disponível em: <http://bit.ly/2zrKVRt>. Consultado em 23.08.2017.

Com o final do Estado Novo e da era getulista no Brasil, o ano de 1945 trazia à tona as eleições democráticas, com a eleição direta do presidente Dutra e importantes discussões sobre a família. “O capítulo sobre a família deu origem a longos e acalorados debates entre partidários e adversários do divórcio” (FAUSTO, 2006, p. 401).

Foi nesse clima em que o bispo romano dom Carlos Duarte Costa, da cidade Botucatu, criou a Igreja Católica Apostólica Brasileira como via de liberdade para expressão do credo de pessoas de outras religiões e também para atrair divorciados e separados, uma vez que os preceitos tradicionais da Igreja Católica Apostólica Romana daquela época fizeram pressão e prevaleceu a concepção conservadora: “[...] ficou definido que a família se constituía pelo casamento de vínculo indissolúvel” (FAUSTO, 2006, p. 401). Provavelmente um dos fatores do rompimento de Dom Duarte da Costa com a Romana foi esse gancho do divórcio, pois daí viria a possibilidade de angariar pastores e fiéis para a sua nova congregação.

1.2 Espaço da Igreja

As igrejas da ICAB⁷ estão espalhadas por diversos estados brasileiros e alguns países, como Estados Unidos, América Latina e Europa. Nas imediações da cidade de São Paulo, além de abrigar a paróquia diocesana, comandada pelo bispo Dom Wagner Peres Rodrigues no bairro da Vila Formosa, há ainda o Santuário de São Lázaro, em Cumbica, na cidade de Guarulhos; a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, na Vila Carrão; a Paróquia Menino Jesus de Praga e Santo Expedito, no Jardim Robru; a paróquia Senhor do Bonfim e São Lázaro, em São Miguel Paulista; e a paróquia de São Jorge, na Vila Pires, em Santo André, contando ainda com algumas cidades do interior paulista, como São Vicente, Platina, Jundiá, Botucatu e outras. Maceió, São Luís, Manaus, Brasília, Rio de Janeiro, Belém, Natal, Porto Velho são algumas capitais de outros estados onde essa instituição religiosa também está presente.

1.3 Alguns números da ICAB

Atualmente, das cerca de 130 paróquias da ICAB, apenas três são dedicadas a Nossa Senhora Menina: a da cidade de Viana, no Maranhão; no bairro da Penha, no Rio de Janeiro; além de Lages, em Santa Catarina. Entretanto, ela manteve a mesma conduta de dois santos

⁷ Dados retirados do site: <http://www.igrejabrasileira.com.br>. Último acesso em 30.09.2017.

protetores, a fim de denominarem uma mesma igreja, com o objetivo específico de angariar um maior número de fiéis.

A ICAB situada em Viana, por exemplo, é denominada como “Paróquia de Nossa Senhora Menina e São Benedito da Barreirinha”. Na historiografia de São Benedito, o santo mouro é apontado como filho de escravos e considerado como o protetor dos alimentos.

A ICAB, localizada no bairro da Penha, no Rio de Janeiro é identificada no texto de dom Luis Fernando Castillo Méndez como: “Igreja Mãe...Catedral de Sant ‘Ana (Santana, atualmente) e Nossa Senhora Menina, berço onde nasceu a Igreja Nacional do Brasil, Igreja Católica Apostólica Brasileira, fundada por Dom Carlos Duarte Costa, hoje São Carlos do Brasil” (MÉNDEZ, 1991, p.45). Sant’Ana, Santana ou Santa Ana é a referência para a mãe de Maria, avó de Jesus Cristo, que segundo relatos bíblicos teria passado todos os ensinamentos religiosos a sua filha.

A paróquia da ICAB de Lages levou os nomes de “Catedral Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora Menina”. No mito da devoção do Sagrado Coração de Jesus consta que o próprio Jesus teria aparecido a Santa Margarida Maria Alacoque e pedido que ela divulgasse a devoção. Nessas três igrejas, a festa da padroeira acontece em 08 de setembro, com uma bênção do pároco. O destaque é para a procissão, onde a imagem de pé da Menina, já quase adolescente, é colocada num andor, enfeitado de flores e percorre as principais ruas da cidade, enquanto os fiéis entoam o terço, cânticos e ladainha.

Já a denominação Nossa Senhora da Conceição ou Nossa Senhora Aparecida, nas paróquias da ICAB, nos fornece um dado curioso: das 10 igrejas contempladas com esse nome - Betim (MG), Cascavel (PR), Altamira do Xingu (PA), Camaragibe (PE), Porto Velho (RO), bairro de Vila Carrão(São Paulo), Palmas, Araguaína e Pau D’Arco, as três cidades no Tocantins, apenas quatro paróquias aparecem o nome de Aparecida agregado ao de um outro santo. São elas: Paróquia de Santo Expedito (o protetor das causas impossíveis) e Nossa Senhora da Conceição, em Cascavel; Igreja de Nossa Senhora Aparecida e Santa Bárbara (protetora contra raios e tempestades), em Palmas; Igreja de Nossa Senhora Aparecida e São Cícero do Juazeiro (santo popular do sertão nordestino), em Araguaína; Igreja do Divino Pai Eterno (Santíssima Trindade) e Nossa Senhora da Conceição, em Pau D’Arco. Assim, notamos que Aparecida é um nome forte por si só, mesmo se colocado ao lado de um santo com forte devoção popular.

1.4 Mimese com a Igreja Católica Romana

A ICAB é uma dissidência da Igreja Católica Apostólica Romana, mas apesar de adotar grande parte dos aspectos religiosos, conforme referimos acima, têm grandes diferenças: recusa a figura do papa como líder; acolhe pessoas de outro credo e religião (defende o ecumenismo, reconhecendo a umbanda e o espiritismo como cristãos); os divorciados ou separados podem frequentar a igreja e terem seus filhos batizados. (MENDEZ, 1991, p.45); os sacerdotes e bispos também estão livres para constituir família etc. Dom Wagner Peres teoriza durante entrevista:

Temos liberdade ecumênica e de pensamento. Abrimos as portas para os espíritas, maçons e outras religiões, pois acreditamos que todos os caminhos levam a Deus. Entretanto proibimos a manifestação ou incorporação do culto afro, mas frequentemente acolhemos pessoas usando branco, do candomblé, macumba, vestidas de baianas e promovemos um culto ecumênico (RODRIGUES, 2017, entrevista).

Um documento da ICAB, que nos foi emprestado, remete a sua identidade, em relação às outras igrejas que também desertaram da Apostólica Romana:

[...] quando no século XVI, a igreja da Inglaterra rompe com a Igreja de Roma, ela constitui-se numa Igreja Nacional Autônoma...o mesmo fenômeno se observa nas igrejas nascidas da reforma de Lutero...Calvino...a mesma estrutura nacional se observa nas igrejas Metodistas, Batistas...que se formam após o Concílio do Vaticano ...possuem estrutura autônoma” (sem nome, sem data p.9).⁸

Pelas ideias do fundador Dom Carlos Duarte Costa irem contra as normas do Vaticano, o então bispo católico foi excomungado pelo papa Pio XII e criou o slogan para a ICAB: “Por Deus, Terra e Liberdade”. Dom Wagner nos dá uma ideia desse ecumenismo na Brasileira:

[...] a nossa igreja é mais liberada que a romana; acolhe todas as religiões; não tem preconceito com outras crenças (sempre recebemos os grupos do Candomblé, que veem de branco para cantar e dançar na missa), mas a gente não aceita que façam seus cultos afros aqui, apenas acolhemos” (RODRIGUES, 2017, entrevista).

1.5 ICAB pariforme a Romana

Ao nosso ver, a ICAB foi concebida como gêmea não idêntica da Apostólica Romana, cujas principais diferenças citamos acima. Notamos que até os santos são semelhantes. Apesar de a ICAB ter se apropriado de algumas iconografias beatificadas pela Romana, acreditamos que ela fez a tentativa de também direcionar a devoção de seus fiéis, com ícones pouco ou nada difundidos pelo repertório romano, que dão nomes as suas paróquias, como:

⁸ Documento gentilmente cedido pelo professor da PUC – SP, Wagner Lopes Sanches, o qual coletou pessoalmente na Diocese da Igreja Católica Apostólica Brasileira de São Paulo.

Nossa Senhora da Vitória, São Cícero do Juazeiro, Paróquia de São Cosme e Damião, Santuário de São Lázaro, Catedral de São Carlos do Brasil, Santa Filomena, São Francisco das Chagas, Santa Terezinha do Menino Jesus, Paróquia da Natividade de Jesus Cristo, Santo Antônio de Catageró, entre outros, mas ainda assim conciliou esses nomes com de outros ícones mais conhecidos do povo católico. Deduzimos que a ICAB de um lado pretende despertar a curiosidade dos fieis sobre a origem do santo pouco notável e de outro busca encontrar amparo a um nome já reconhecido do repertório romano, com isso solidifica-se os antigos devotos e simultaneamente arregimenta novos fiéis.

2 Devoção a Maria na Icab

Segundo o bispo dom Wagner Peres Rodrigues, da Diocese de São Paulo, a padroeira da ICAB é a Nossa Senhora Menina⁹, denominada também como Nossa Senhora do Bercinho, ainda pouco venerada em nosso país.

Stuart Hall¹⁰ defende que qualquer identidade não é algo que o ser humano nasce, mas uma coisa a ser formada e transformada intrinsecamente em relação à representação. Para fazer a ligação de Hall ao nosso contexto, tomemos o mito italiano de Nossa Senhora Menina, que coincide exatamente com a fundação da ICAB.

2.1 A construção do mito

Tanto a construção do mito de Menina como Aparecida podem ser entendidas como sendo uma edificação de elementos culturais e religiosos, que se alastraram no imaginário popular. Então, o que seria um “mito”? Ao nosso ver trata-se de uma expressão da estrutura da mente, uma metáfora, a qual a realidade não consegue explicar. Toda verdade pode ser alcançada pelo exercício da razão e acessada através do conhecimento do real (algo maior que podemos perceber). A realidade é aquilo que existe independente da mente. A razão nos leva a tentar entender a verdade abstrata, o que não se pode tocar, ver, sentir, ouvir, ou seja, o transcendente. O “mito” supõe que sua validade seja questionada e é inerente a uma cultura.

⁹ Os dados sobre a historiografia de Nossa Senhora Menina foram retirados dos seguintes sites: <http://bit.ly/2hn07Ze>; <http://bit.ly/2AyIzhz>; <http://bit.ly/2AqsOsa>; <http://bit.ly/2zMhhqM>. Último acesso em 13.09.2017.

¹⁰ Livro em PDF baixado de: HALL, Stuart. A Identidade Cultural nas Pós-Modernidade. Disponível em: [<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/hall-stuart-a-identidade-cultural-na-pos-modernidade.pdf>]. Consultado em 15.09.2017.

Para entendê-lo há a necessidade de se conhecer o cotidiano em que foi criado, assim esse fenômeno aponta para aspectos polissêmicos da realidade local, permitindo diversas interpretações e se configura como uma forma de leitura, ainda não legitimada ou que talvez nunca seja lógico. Essa criação abstrata, geralmente se engendra ao sagrado, à magia, a algo superior. Não colocaremos sob suspeita e nem discutiremos a validade de uma tradição, apenas relataremos o que nos foi passado ou acessamos nos livros e documentos, sem julgamentos. Partiremos agora, para a narrativa da miniestátua de Nossa Senhora, ainda bebê, que aguça a fantasia do povo.

2.2 Nossa Senhora Menina, a protetora da ICAB

Dom Carlos Duarte Costa ao inaugurar a Igreja Brasileira introduziu a Nossa Senhora Menina¹¹ como padroeira. Ora, a agradável imagem de uma “bambina” (traduzida do italiano como menina), deitada de lado num bercinho, estava se alastrando pela Itália, exatamente no mesmo ano, mas é interessante ressaltar que, até nos dias de hoje, ainda é pouco conhecida do povo brasileiro¹².

Entre os idos de 1697 a 1730, na cidade de Todi, região da Úmbria, na Itália, a irmã Isabella Chiara Fornari moldou em cera uma imagem de Nossa Senhora Menina, deitada de lado. As freiras começaram a venerá-la na chave do mistério da Natividade de Maria, pois se dedicavam ao ensino de jovens e necessitavam de uma imagem que conectasse à ideia de pureza e submissão a Deus. Coincidentemente, a cidade de Milão, abriga a catedral do Nascimento de Nossa Senhora (Duomo di Santa Maria Nascente). Por volta de 1738, o bispo milanês Alberico Simonetta adquiriu essa imagem e a deixou no convento da Maternidade das Irmãs de Caridade. Naquele local instituiu-se a ladainha, novena e cânticos a Nossa Senhora Menina, mas inicialmente a veneração ficou limitada às freiras e noviças daquela comunidade. Só para se ter uma ideia, o simulacro somente saía da capela, durante as “Oitavas”, por um período de oito dias, que incluía a data da festa, seguido de mais sete dias e em 08 de setembro, a data da comemoração da Natividade de Maria. No entanto, a degradação pela exposição, as velas acesas e os vários deslocamentos para os eventos

¹¹ Informação coletada no site:

CANTAZARO, Informa Web News. *Madonna-Bambina-conosciuta-come-festa-della-Bambinella*, Disponível em <http://www.catanzaroinforma.it/notizia103444/Si-rinnova-l-antica-devozione-alla-Madonna-Bambina-conosciuta-come-festa-della-Bambinella.html>. Último acesso em 26.09.2017.

¹² O primeiro “milagre” de Nossa Senhora Menina teria sido recuperar a saúde da noviça Giulia Macário, no leito de morte. Ao tocar na pequena estátua, ela teria sido curada imediatamente. Em 1884, a imagem ganhou roupa e a colocaram num bercinho.

deixaram marcas na pequena imagem de cera. A face se tornou descolorida, amarelada e sem vida¹³ e depois teria se transformado.

2.3 Nossa Senhora Menina e a ICAB

Portanto, conforme dissemos anteriormente, o ápice da história de Nossa Senhora Menina na Itália¹⁴ está diretamente ligado ao ano de origem da ICAB no Brasil. Consta que Dom Carlos Duarte Costa queria associar uma nova identidade à igreja recém-criada, escolhendo uma santa protetora desconhecida e com uma narrativa interessante, capaz de despertar o interesse da população, por isso a iconografia de Nossa Senhora Menina, muito venerada na Itália, emoldurava muito bem este momento¹⁵.

Acreditamos, que por ser totalmente ignorada pelo povo brasileiro, Nossa Senhora Menina, como padroeira da ICAB, não obteve a receptividade esperada. Devido a esse fator, Nossa Senhora Aparecida, a santa de maior aceitação no lastro devocional popular nacional, foi apropriada pela Brasileira. Temos a imensa tradição de Nossa Senhora Aparecida, que desde 1717 está enraizada no catolicismo apostólico romano, a ponto de atrair milhões de fiéis anualmente ao seu Santuário, na cidade de Aparecida, no interior paulista.

3 Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil e a ICAB

Os aspectos devocionais são tão idênticos, que até a festa de Nossa Senhora Aparecida, na ICAB é propositalmente no mesmo dia da Católica Apostólica Romana: 12 de outubro. É interessante esclarecer que os mesmos cânticos, ladainhas, aclamações, terço, novenas, procissões de Aparecida também são exatamente iguais em ambas as igrejas. Agora vamos relembrar rapidamente a tradição de Aparecida.

¹³ Outro episódio envolvendo a imagem da pequena Menina no bercinho teria ocorrido em 16 de janeiro de 1885: as irmãs começaram a testemunhar uma inexplicável transformação no simulacro. Da imagem de cera amarelada, cinzenta e sem vida teria brotado “milagrosamente” cor e vivacidade. As irmãs diziam que, sem qualquer interferência humana, a estatueta teria ficado com um rosto perfeito de bebê.

¹⁴ Em 8 de setembro de 1888, a Madre Superiora Clementina Lachman levou Maria Menina para sua nova capela. E iniciou-se a tradição de se presentear os recém-casados com uma pequena imagem de Nossa Senhora Menina para abençoar o novo lar (não temos informações que esse costume tenha chegado ao Brasil). A devoção se estendeu de Milão para todo o território italiano.

¹⁵ A imagem voltou a Todi, durante a Segunda Guerra Mundial, em 24 de outubro de 1942, o convento foi atingido por constantes bombardeios e ficou em ruínas, mas a Menina teria sido protegida. A destruição não deteve as freiras e os devotos, que mesmo assim celebraram a festa da Natividade de Nossa Senhora. Em 4 de setembro de 1945 (quatro dias antes da comemoração em homenagem a Nossa Senhora Menina), a imagem retornou a Milão, para se estabelecer, na Via Maggiano, onde estaria atualmente.

Por volta de 1700, as terras do nosso país estavam sob o domínio dos senhores de engenho, que tratavam os seus escravos, vindos da África, amarrados a troncos, a ferro e fogo e eram considerados como seres inferiores. Em meio a uma situação de dor e sofrimento de um povo marginalizado, em 1717 deu-se a descoberta da imagem de Aparecida. O episódio também coincide com o final do período das Capitânicas Hereditárias e o início do Ciclo do Ouro no Brasil. Conta-se que os pescadores, Domingos Garcia, João Alves e Filipe Pedroso tinham ido à procura de peixes para alimentar a comitiva do governador geral, D. Pedro de Almeida Portugal, o conde de Assumar, que passaria pela região por causa da unificação das capitânicas de Minas Gerais e São Paulo (CORDEIRO, 1998, p. 14). Os três homens não conseguiam fisgar nada, mas teriam içado do rio Paraíba do Sul partes desconexas da imagem. Filipe Pedroso conseguiu montar o ícone, pois a lenda aponta que todas as peças se encaixaram perfeitamente. A partir daí foram atribuídos à esfinge vários milagres, a começar pela pesca bem-sucedida do trio que retornou ao rio. A estátua em terracota de Nossa Senhora que emergiu das águas ficou no imaginário e na afeição do povo católico. Talvez tenha sido pelo carisma de Aparecida, a negra mãe dos escravos africanos oprimidos e do povo brasileiro, que a ICAB se apoderou dessa devoção popular.

3.1 A princesa Isabel e Nossa Senhora Aparecida

Consta que dois anos antes da abolição da escravatura, a Princesa Isabel (a autora da lei de libertação dos escravos) ofertou um novo manto a Nossa Senhora Aparecida (06 de novembro de 1868). As cores representavam o império de Dom João IV: azul escuro e granada. Esta capa ostentava 21 brilhantes, significando as 20 Províncias do Império e a Capital. Em 1884, a princesa Isabel teria voltado a Aparecida para agradecer a realização de seu pedido, ao lado do esposo Conde d'Eu e seus três filhos, os príncipes D. Pedro, D. Luís e D. Antônio. Então ofereceu à imagem de Nossa Senhora de Aparecida uma coroa de ouro 24 quilates de 300 gramas cravejada de brilhantes. A mesma do decreto do Papa São Pio X, que coroou a imagem 20 anos depois. Se Aparecida já era considerada como rainha, a partir desse fato obteve maior respaldo junto à população.

3.2 A devoção a Nossa Senhora de Aparecida

Na tentativa de entender essa dimensão devocional na ICAB, conversamos com a recepcionista Joana Vaz. Ela tem 76 anos, é membro da ICAB há 26 anos (antes era da

Romana) e frequenta a Paróquia de São Lázaro, em Cumbica, Guarulhos. Joana nos explica como funciona a devoção em Nossa Senhora, na sua comunidade. “É a mesma da católica apostólica romana. Nós rezamos o terço de Nossa Senhora, antecedendo pelo Credo, terminando com a Salve Rainha e têm os hinos de louvor, os mesmos cantados na católica”.

Joana diz que esporadicamente também costuma frequentar o Santuário (Romano) de Nossa Senhora Aparecida, situado na cidade de Aparecida e gosta de contar seus pecados a um padre da romana, pois na brasileira eventualmente se confessa: “Na Brasileira se você não matou, nem roubou pode se confessar com Deus, receber absolvição e poderá comungar tranquilamente, apenas se cometeu um pecado grave como roubar, matar deve se confessar com o sacerdote”.

Ela nos relata ainda sobre o costume de sua paróquia em fazer a peregrinação anual com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo: “Um sacerdote retira a imagem na Diocese de Vila Formosa, em São Paulo e um motoqueiro a leva de igreja, em igreja. Em 12 de outubro tem a missa especial em louvor a Mãe de Aparecida, com procissão, muita fé e respeito a Senhora do Céu”.

3.3 O terço em louvor a Nossa Senhora Aparecida na ICAB

O bispo Dom Wagner informa que todas as terças-feiras reúne os paroquianos para orarem o terço, em sua Igreja “Santo Antônio de Catageró e São Benedito”, na Vila Formosa. No mês de maio realiza-se a coroação de Nossa Senhora (como na Romana) e, ele constatou que em algumas paróquias, durante o feriado de 12 de outubro, chega a reunir cerca de 20 mil fiéis. E dom Wagner amarra o ponto comum mariológico entre a Brasileira e a Católica: “todas acreditam que Nossa Senhora é a Virgem Corredentora, Mediadora e Intercessora, participante nos ofícios de ser Mãe de Jesus Cristo”.

3.4 Memórias e histórias se articulam em torno de Nossa Senhora

Novamente nos remeteremos a Stuart Hall para desvendar como se dá o mecanismo das narrativas na linha do tempo e como essas histórias remontam um passado para contextualizar o presente. Hall denomina as comunidades imaginadas como construtoras de identidades ao produzirem significados sobre si; mas esses significados estão contidos nas histórias, que são contadas sobre ela; são memórias que se conectam seu presente com o seu passado, e imagens que são edificadas a propósito delas. É como se fosse capaz de reproduzir

uma imagem de outrora, simultaneamente com uma atual, com a mesma grandeza e eficácia. Talvez seja por isso que a ICAB tenha optado por beber de uma fonte segura, em determinados assuntos, para obter uma ramificação, convincente e duradoura.

4 Particularidades da devoção a Maria: a aura mística de Nossa Senhora na ICAB

Duas histórias envolvendo Nossa Senhora norteiam o imaginário devocional da ICAB. A primeira aconteceu em 1955, na Vila Carrão, na rua Taubaté. Quem nos traz à tona é o bispo diocesano dom Wagner Peres Rodrigues.

4.1 Nossa Senhora no limoeiro: ‘ninguém conseguia tirá-la da árvore’

Em 1955, a imagem de Nossa Senhora apareceu em um limoeiro, na casa de uma evangélica. Ela se assustou quando viu aquela imagem, na verdade ficou desesperada. Não a queria lá, mas ninguém conseguia tirar. Várias pessoas se aglomeravam para rezar e tentar tirá-la de lá. Como evangélica, ela não admitia que algo estranho e inexplicável estivesse acontecendo no seu quintal e nem ser incomodada por tanta gente. A evangélica então pediu para cortar o pé de limão e ninguém também conseguia serrar a planta. Então ela, com raiva do episódio, resolveu doar a casa onde morava para a igreja. (RODRIGUES, 2017, entrevista)

Ele continua contando que aproximadamente oito anos depois, muita gente ia tentar tirar a imagem, mas Dom Wagner (sem se lembrar da data), alinhava a narrativa: “um dia, o padre Vasquez, que tinha 87 anos na época, tocou na imagem e ela saiu do limoeiro”. No espaço da casa da evangélica foi construída uma igreja da ICAB.

4.2 Nossa Senhora de Platina: ‘jorrava sangue dos olhos’

Outra polêmica, assumida pela ICAB, foi a mitologia de Nossa Senhora da Platina. O imaginário popular aponta que o pedreiro Chico, auxiliar do pastor da igreja Evangélica Quadrangular, na cidade de Platina, cerca de 400 km de São Paulo, costumava orar diariamente próximo a um rio. No dia 11 de abril de 1997, ele teria visualizado uma mulher flutuando na água, que teria se identificado como Maria, a Mãe de Jesus. Ela lhe deu uma imagem de "Nossa Senhora" pedindo que ele cuidasse. Com medo da reação da esposa, também evangélica, ele enrolou a estatueta em sua camisa. Quando a sua mulher a desenrolou notou que a imagem estaria lacrimejando sangue. A partir daí o simulacro teria continuado a derramar (“chorar”) um líquido semelhante ao sangue. Chico teria passado a

receber mensagens de Nossa Senhora, que pedia para construir uma capela em sua homenagem. Foi edificada uma igreja para Nossa Senhora de Platina, no sítio onde o homem morava e trabalhava. O local passou a receber inúmeros devotos e curiosos. Os jornais “Voz da Terra”, da cidade de Assis, o “Jornal Hoje”, da Rede Globo, o “Programa do Ratinho”, do SBT noticiaram o episódio, sem afirmar ou negar a experiência religiosa. Algumas pessoas acusavam Chiquinho de ter surrupiado a tal imagem do cemitério e inventado tudo¹⁶.

4.3 Características de Nossa Senhora de Platina

Dom Wagner afirma que há cerca de seis anos, quando era bispo em Marília, teve contato com a imagem de Nossa Senhora de Platina e nos descreve: “a estátua é comum, com a exposição do sagrado coração e o rosto com sangue. Mede cerca de 20 por 60 centímetros e teria sido doada para a ICAB pelo próprio Chico”. Quanto ao paradeiro do vidente Chico, no imaginário popular da região existem duas narrativas: uma que ele teria ficado rico ao fabricar réplicas da imagem e outra de que teria falecido e a família continua pobre, até hoje. Não apuramos os desdobramentos dessa narrativa porque não faz parte da nossa proposição¹⁷.

Na treliça religiosa, a relação com o divino pode acarretar uma mudança de comportamento na vida do sujeito, dando-lhe a opção de transformar a vida sob uma nova e positiva perspectiva. Talvez seja por isso, que o humilde Chico passou da categoria de ‘zé ninguém’ a protagonista de uma aventura, envolvendo um mito: virou alvo da imprensa, cujos repórteres queriam entrevistá-lo e os devotos, que percorriam quilômetros para tocá-lo, e assim, pensavam que, talvez por osmose, pudessem usufruir do “contato com o sagrado”.

4.4 Mito das lágrimas de sangue de Nossa Senhora

Em relação à imagem de Nossa Senhora chorar sangue é importante ressaltar que o imaginário foi acessado pela primeira vez pelos fiéis da Igreja Católica Apostólica Romana. Há alguns anos (não encontramos banco de dados oficiais sobre esse assunto), em diversas

¹⁶ Informação coletada no site: <http://gospelbrasil.topicboard.net/t8474-nossa-senhora-de-platina>. Último acesso em 21.09.2017.

¹⁷ Recordo-me de ter assistido a matéria no “Jornal Hoje”, da Rede Globo, atribuindo que a imagem pertencia à igreja católica, mas no dia seguinte, a apresentadora Sandra Annenberg corrigiu a informação e disse ser na católica brasileira. Essa reportagem não está mais acessível no portal G1 da emissora.

datas, foi notificada a Cúria que certas imagens da Nossa Senhora da Rosa Mística, supostamente expeliam sangue pelos olhos. A narrativa começou no interior de São Paulo, depois se espalhou pelo Paraná, Santa Catarina e outras regiões. Até na Argentina, no início de 2017, o fenômeno também foi relatado¹⁸. A igreja Romana sempre pede ‘cautela’ em relação a esse assunto porque existem inúmeros casos semelhantes, mas sem comprovação científica.

É evidente que após o alvoroço inicial, com vários turistas e curiosos indo a tais locais, esses episódios tomam uma grandeza, mas devemos ter cuidado porque não foram confirmados cientificamente e também, como passar do tempo, vão esfriando ou caindo no esquecimento. Entretanto é interessante reativá-los, num outro momento, porque podem dar vazão a uma próxima investigação, mais detalhada.

Considerações finais

Notamos que a Igreja Brasileira foi gerada nos ápices do movimento esquerdista no Brasil, através dos relampejos de uma política, em que se prezava a liberdade de expressão do cidadão, abrindo assim possibilidades de implantação de uma nova ideologia devocional. A ICAB rompeu com parte dos dogmas romanos, tornando-se uma das principais alternativas de conversão religiosas nos idos dos anos 40. Todavia deixou transparecer que: apesar de resguardar muita similaridade com a Apostólica Romana tracejou um caminho próprio, inclusive optando inicialmente por venerar uma figura mariológica desconhecida do povo, a Nossa Senhora Menina ou Nossa Senhora do Bercinho.

Como não obteve o êxito esperado (atualmente existem apenas três paróquias denominadas como Nossa Senhora Menina, as quais ainda dividem o nome com o de outros santos), ao longo dos anos, arregimentou outras artimanhas pontuais para atrair fieis. Uma delas foi a acessar a dimensão mítica, através de narrativas sagazes, como a Nossa Senhora que teria se fixado num pé de limão e a Nossa Senhora de Platina, a qual se atribuía o “milagre” de que ‘chorava sangue. As duas aguçaram o imaginário popular e sobre a última (Platina) constatou-se grande repercussão, inclusive na mídia. Atualmente, ambas quase caíram no esquecimento.

Uma das razões de muitas igrejas criarem o mito da aparição é a intenção do fomento ao turismo religioso, pois visam ao lucro e porque pensam em atrair um número exorbitantes

¹⁸ Mais informações: <https://ciberia.com.br/estatua-de-virgem-maria-que-chora-lagrimas-de-sangue-comove-argentina-15503>

de fieis. O site Gospel Brasil ¹⁹ aborda ligeiramente essa questão, afirmando que algumas autoridades diziam que a cidade de Platina pretendia competir diretamente com a fama de Aparecida e o objetivo seria conquistar milhões de pessoas à igreja da ICAB para ver a santa chorando sangue. Com o passar do tempo, as lágrimas ensanguentadas secaram, não tiveram mais tanta importância no cenário mítico-religioso e caíram na indiferença popular. Não temos conhecimento se a imagem voltou a chorar após aquele episódio, apenas que representação iconográfica continua com o rosto sujo, de uma substância avermelhada, que pode ou não serem lágrimas, e continua exposta na Paróquia de Nossa Senhora de Platina, da ICAB, na mesma cidade. Não é o nosso objetivo discutir a veracidade desse episódio, apenas relatar o acontecimento, porque está relacionado à instituição, que efetuamos essa pesquisa.

Enfim, da hipótese inicial a respeito do poder dessa personagem feminina (Maria), no teor católico, constatamos que embora Nossa Senhora Menina importada da Itália foi a escolhida como padroeira da ICAB, esse mito continua pouco conhecido e quem assumiu a posição de arregimentar devotos foi a Nossa Senhora Aparecida, que segue a mesma linha devocional da católica romana. A santa traz como apelo simbólico, além de sua simplicidade, o fato de ter a pele negra e um outro elemento metafórico: o manto azul marinho, bordado em dourado, que, pelo imaginário popular, abriga a todos sem distinção de cor, raça ou classe social.

Dos fatos históricos, que permeiam a sua aura mística, conforme relatamos, está a figura da princesa Isabel, a mesma que assinou a Lei Áurea, que inicialmente doou o manto marinho e depois a coroa de ouro e diamantes por ter “alcançado o milagre de ser mãe”. Nos anos 30, Aparecida foi elevada à categoria de Padroeira do Brasil, no governo de Getúlio Vargas. A sua genuína notoriedade prevalece há três séculos inabalada.

Defendemos que questão mariológica está muito bem amparada na ICAB e a santa que se estabeleceu na primazia da comunidade brasileira foi mesmo Nossa Senhora Aparecida. A sincronia entre as duas organizações religiosas é tanta, que se transforma num jogo de espelhos, em que a Romana, por ser a mais antiga, doou todo o seu carisma à Brasileira, que se apoderou dos fundamentos mais importantes, principalmente em relação aos mitos e com isso os aspectos mariológicos ficaram consolidados. E, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, essa figura pequena e de grande apelo popular, reflete nitidamente o entrelaçamento entre as Igrejas Católicas Apostólicas Romana e Brasileira.

¹⁹ Gospel Brasil. Nossa Senhora de Platina. Elaborado por Christiano. Disponível em <http://gospelbrasil.topicboard.net/t8474-nossa-senhora-de-platina>. Consultado em 21.09.2017.

Referências bibliográficas

AUTRAN, A. M. *A humilde Virgem Maria*. São Paulo: Loyola, 1982.

AZEVEDO, M. Q. de. *O culto a Maria no Brasil: história e teologia*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2001.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.

CORDEIRO, J. *Aparecida: caminhos da fé*. São Paulo: Loyola, 1998.

CASTILLO MÉNDEZ, L. F. *História da Igreja Católica Apostólica Brasileira* (Opúsculo). Brasília: [S.l.], 1991. p.45.

BLOGUES Amigos. Existem várias Nossas Senhoras? Luzieros, 17/ 10/ 08. Disponível em: <<http://luzeirosantamaria.blogspot.com.br/2008/10/existem-vrias-nossas-senhoras.html>>. Acesso em: 13 set. 2017.

SI RINNOVA *l'antica devozione alla Madonna Bambina conosciuta come festa della Bambinella*. **CANTAZARO Informa**: Web News, n.156, 2004. Disponível em: <<http://www.catanzaroinforma.it/notizia103444/Si-rinnova-l-antica-devozione-alla-Madonna-Bambina-conosciuta-come-festa-della-Bambinella.html>>. Acesso em: 27 set. 2017.

JABUR, C. *Nossa Senhora de Platina*. **Fórum Gospel Brasil**, 10 mar. 2014. Disponível em: <<http://gospelbrasil.topicboard.net/t8474-nossa-senhora-de-platina>>. Acesso em: 21 set. 2017.

HALL, S. *A identidade cultura na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. Disponível em: <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/hall-stuart-a-identidade-cultural-na-pos-modernidade.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2017.

IGREJA Católica Apostólica Brasileira: por Deus, Terra e Liberdade. **ICAB**. Disponível em: <<http://www.igrejabrasileira.com.br/>>. Acesso em: 30 set. 2017.

A HISTÓRIA de Nossa Senhora Menina. Disponível em: <<http://www.igreja-catolica.com/nossa-senhora/nossa-senhora-menina.php>>. Acesso em: 10 set. 2017.

INTERNATIONAL Marian Institute. **All about Mary**: Maria Bambina Devotion to. Dayton, USA: University of Dayton. Disponível em: <<https://udayton.edu/imri/mary/m/maria-bambina-devotion-to.php>>. Acesso em: 13 set. 2017.

RANZOLIN, Z. P. *A trajetória de um bispo que desafiou o Vaticano, foi excomungado e fundou a Igreja Católica Apostólica Brasileira: entrevista*. **Jornal “Nosso tempo”**, Foz do Iguaçu, n. 289, p. 10-11, 04 dez. 1987. Disponível em: <http://www.nossotempodigital.com.br/arquivo/nosso_tempo_289/nosso_tempo_289.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2017.

SILVA, W. *Nossa Senhora Menina*. **Breviário**, 6 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://rezairezairezai.blogspot.com.br/2011/09/nossa-senhora-menina.html>>. Acesso em: 13 set. 2017.